

ilustram a galeria dos sábios humanos, e
destacadas da casuística científica universal, ao
na verdade, na maior parte dos casos, de sua

O assunto que me ocorreu no momento "O livro na difusão cultural"
não teria certamente merecido as minhas preferências, se maior meditação
nem respeito a sua importância, precedesse a escolha, tão vasto e tão exigente de mais cuidadosa e demora-
da investigação. Aconteceu comigo o que acontece a muita gente afoita, que
age com precipitação, sem a consciência exata de suas forças e sem atentar
para a complexidade da tarefa que se propõe executar. Por isso, meus senho-
res, se não ouse solicitar a vossa atenção para o que vou dizer, o que, se-
gundo Vieira, é exigir muito de um auditório, conto ao menos com a vossa já
conhecida e proclamada benevolência.

Encarado de relance, o tema parece encerrar algo de truismo. Nem
outra coisa é uma verdade, que, à força de conhecida, já se tornou comum de
conhecimento ao povo, não se o progresso científico seria muito mais
mais, para que o usemos ocupar-nos dela, em uma palestra. Mas há certas ver-
dades que nunca será demasiado insistir nelas, por mais evidentes que se-
jam. De todos os meios de difusão cultural, como a cátedra, o rádio, o jor-
nal, a revista, é, com efeito, o livro o mais familiar e eficiente.

A ciência não é obra exclusiva de um homem ou de uma geração; ao
contrário, é o produto de uma elaboração lenta e progressiva, em que as pes-
quisas se sucedem e se completam até a constituição de um sistema coeso
de teorias e doutrinas. Resulta sempre de uma continuidade de esforços e
experiências, que possibilitam a cada investigador apropriar-se dos esfor-
ços e experiências dos que o precederam. E nessa extensa fileira de es-
tudiosos que se revezam e se sucedem, empenhados num objetivo comum, nem
sempre é fácil saber quem mais se salientou.

Na falibilidade dos nossos juízos, alicerçados antes na aparência
exterior que na realidade intrínseca dos fatos, frequentemente atribuímos
os louros de uma descoberta científica ao pesquisador que chegou a resul-
tados definitivos, deixando no olvido o rol de seus predecessores, com quem,
de justiça, deveriam ser repartidos os troféus da vitória.

É tão crasso pensar que um Lavoisier, um Cuvier, um Laplace, um

bios, que ilustram a galeria das ciências humanas, sejam ecos isolados, vozes destacadas da comunhão científica universal. Ao revés, não passam eles, na verdade, na maior parte das vezes, de elos gloriosos, é certo, em todo caso elos, que arremataram a extensa cadeia de investigadores, cujos nomes nem respeitou a poeira ingrata dos séculos.

Essa continuidade que se estabelece entre os homens, permitindo que uns se utilizem do trabalho dos outros, que as conclusões obtidas aqui sejam ali pontos de partida para novas conclusões, deve-se única e exclusivamente ao livro, que leva o pensamento de uma geração a outra, que faculta o intercâmbio das idéias entre pessoas separadas pela distância e pelo tempo.

Se cada investigador, no terreno científico, em vez de servir-se das experiências de seus antecessores, devesse adquirir por si mesmo o conhecimento ab ovo, não só o progresso científico seria coisa muito lenta, mas também quase impossível a constituição de uma ciência.

O homem não foi criado para viver isolado, contemplando budicamente o espetáculo da natureza, sem meios de a compreender. Deu-lhe Deus a inteligência para penetrar o mistério das coisas e a vontade para querer até o que às vezes está fora de seu alcance. O desejo de saber é nêle virtude inata. Aristóteles traduziu esta verdade na bem conhecida máxima: Omnes homines desiderant scire. Todos os homens têm a sede de saber. Na criança que nos apoqueta com as suas ingênuas perguntas, ou no cientista que se alheia de tudo, no recesso de seu laboratório, não importa a diferença de atitudes, a ânsia é a mesma, buscam ambos, por meios diversos, a resposta que satisfaça aos reclamos de sua curiosidade insaciável, ambos procuram, cada um a seu modo, a ciência.

Os conhecimentos que adquirimos fora dos livros, sem ordem, no contacto com as pessoas cultas, são fragmentários, incapazes, por isso, de nos permitirem qualquer generalização. É coisa sabida que a ciência não se constitui de fenômenos ou fatos isolados. Não é só. O que aprendemos de outiva nas palestras dos mestres, nas conferências dos doutos ou nas exposições dos sábios, não têm o poder de se fixar definitivamente em nosso cérebro. A facilidade com que se esvai o que nos entra pelas oíças já

fôra proclamada pelos romanos: Verba volant, scripta manent.

Um dos maiores inventos humanos foi, sem dúvida, a arte de escrever. Não se pode avaliar devidamente a importância dessa descoberta hoje que ela já se nos tornou familiar. As coisas familiares perdem muito de seu passado prestígio. Meditemos um pouco no assombro que deveria ter causado ao homem antigo o ato da transmissão do pensamento a distância, não importa a insignificância do veículo, uma simples fôlha de palma, um tijolinho cozido, uma tábuca encerada ou um pedaço de casca de árvore. Deveria ser algo surpreendente para a sua mentalidade primitiva. Não admira, pois, que a nova descoberta fôsse considerada uma espécie de sortilégio, e que certos povos atribuíssem à escritura poderes maléficos.

A princípio simples recurso ordinário de comunicação entre pessoas distantes, com fins meramente utilitários, a escritura se transforma, com o tempo, numa verdadeira arte. Não se confia a qualquer escriba a cópia de uma obra célebre. Procuram-se, para isso, entre os que se dedicam a essa difícil profissão, aqueles cujo talhe de letra satisfaça ao mais apurado gosto estético. Conhece-se a grande afeição de Cícero por Tirão, o que se explica, em grande parte, pela sua perícia na arte de escrever. Só os bons artistas, na Idade Média, eram encarregados de debuxar a minio a primeira letra dos capítulos ou dos capítulos de um código ou manuscrito.

Ao mesmo tempo que se requinta na arte gráfica, procura-se apurar também o estilo. A linguagem habitual da conversação vai sendo relegada a plano inferior. Surge o preconceito de que, escrevendo, deve-se dizer as coisas de outro modo. Nasce assim novas exigências para a língua escrita. Esta passa a ser uma língua estilizada, onde, às vezes, o exagero vai tão longe, como acontecia com os autores latinos, que se torna difícil, através de suas obras, conhecer o falar do povo.

Mas a familiaridade com a língua escrita, tão necessária ao conhecimento de seus mais íntimos segredos, só se adquire por meio do livro. Urge, por conseguinte, procurar o seu contacto. Com a sua companhia iluminam-se as nossas trevas; com o seu convívio, enchem-se os nossos momentos vazios, desaparecem as horas de enfado. A vida assume para nós um sentido

... e viver integrados no mundo

que nos rodeia. É o livro, com efeito, que nos desvenda o segredo de tudo. Não há questão difícil que não encontre nele a sua solução imediata e pronta. As maravilhas do oceano, os recessos insondáveis da terra, os segredos do ar, perdem o seu caráter enigmático e tornam-se permeáveis à inteligência, por meio do livro.

Não há inteligência ávida de verdade que êle não sacie; não há vontade, em seus anseios para o que é bom e justo, que êle não satisfaça; não há imaginação, por mais extravagante, em seus devaneios, que êle não contente.

Do cantinho de nosso mundo, que parece confinar-se nos horizontes próximos, podemos percorrer os vastos continentes e conhecer povos e costumes novos; surpreender manifestações estranhas de vida em todos os reinos da natureza; conhecer civilizações extintas, que de outro modo seriam inteiramente ignoradas.

Graças, pois, ao livro, o reduto estreito de nossa alcova se amplia e se alargam horizontes se estendem sem limites, e os "bichinhos da terra tão pequenos", no dizer do vate imortal, que somos nós, se transformam em gigantes do conhecimento.

O livro deve ser o nosso amigo, o nosso companheiro inseparável, o nosso habitual confidente. Com o seu trato diário, só temos a lucrar, porque os livros, no dizer de Bernardes: "São os amigos que falam sem lição, sem temor, sem ruído, quanto e quando quer a pessoa e, se ela os não entendeu, bem pode mandá-los repetir o que disseram sem pejo nem enfado deles."

Dos nossos amigos nenhum é mais desinteressado, nenhum mais fiel à nossa amizade, nenhum mais sincero, mais liberal, mais paciente. Se andamos alheio a nós mesmos, chama-nos à realidade; se desgostosos, faz-nos provar o sabor agradável das coisas; se tristes, consola-nos da nossa tristeza. Já afirmava Montesquieu, com razão: "Um quarto de leitura consola-me de qualquer desgosto." E Alfonse Daudet, escrevendo a um confrade, que acabava de sofrer um rude golpe, não se esqueceu de aconselhá-lo: "Leia muito!" Quem quiser saber o porquê dêsse conselho encontrá-lo-á na definição que da leitura deu Afonso Karr: "É uma ausência agradável de nós

mesmo."

Façamos da convivência com êle uma necessidade imposta pela obrigação de enriquecer o cérebro desconhecimentos e de distrair o espírito das preocupações que o assoberbam. A Hudson Lowe, que tentava coibir o hábito das longas excursões de Napoleão, quando prisioneiro de Santa Helena, respondeu-lhe o grande corso: "Este homem devia compreender que o exercício é tão necessário aos meus membros, como a leitura ao meu espírito." Vieira que era um inveterado leitor fala dos prazeres da leitura: "O coração vem por fim a experimentar um prazer tão agradável, que não há nada com que se compare."

Numa obra, qualquer que ela seja, há sempre alguma coisa que aprender. Já dizia Goethe: "Não há obra má que não contenha alguma coisa boa." Ainda os pequenos livros, de reduzido valor, têm um destino a cumprir: Habent sua fata libelli. Como, entretanto, não nos sobeja tempo para lermos tudo, é óbvio, que uma seleção do que devemos ler se torna desde logo um imperativo. Há obras imprescindíveis a uma educação básica, formando, por assim dizer, o lastro da cultura. Estas, é claro, devem constituir a nossa primeira leitura. A seu tempo virão as outras. Na escolha destas, nenhum melhor juiz que o nosso próprio gosto.

Há muita gente que se blasona de ter lido muitos autores, como se isto bastasse a grangear-lhe melhor conceito. A questão não está em ler muitos autores. Já assinalava Plínio, com aquêle saber que todos lhe reconhecem, que se devia "ler muito os autores, mas não muitos autores." E Sêneca, mais incisivo, recomendava: "Faze uma escolha de escritores, para te deteres nêles e fortificares-te com o seu gênio."

Não é só a ciência que se absorve através do livro. A arte, a própria arte literária se adquire e se desenvolve pela leitura e observação dos bons escritores. Com efeito, é a leitura, no dizer de um tratadista francês, que "forma as nossas faculdades, faz que as descubramos, desperta as idéias, alerta a inspiração. É pela leitura que nós nascemos para a vida intelectual. É após a leitura que nos tornamos escritores. Ensina-nos a arte de escrever, como nos ensina a geografia e a ortografia."

Não basta, entretanto, ler, é mister também refletir, meditar. A lei-

tura, feita de relance, com o objetivo único de conhecer o enredo ou saber o desfêcho, como geralmente fazem os leitores de obras de ficção, pouco ou nada aproveita. É necessário ler, mas com atenção, observando o desenvolvimento lógico das idéias, a justeza da linguagem, o frescor das imagens, os processos estilísticos do autor, não voltando a página, senão quando se esteja na posse plena do seu conteúdo. "Vulgar é o ler, disse Rui Barbosa, raro o refletir. O saber não está na ciência alheia que se absorve, mas principalmente nas idéias próprias, que se geram dos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação, por que passam, no espírito que os assimila. Um sabedor não é armário de sabedoria, mas transformador reflexivo de aquisições digeridas."

A iguaria mais fina, que mais sabe ao paladar, quando absorvida súfregamente, a plenas colheradas, sem a necessária mastigação, e deglutida apressadamente, não é assimilada pelo organismo, antes poderá causar-lhe sérios distúrbios ao funcionamento. Assim também a leitura que é a iguaria do espírito.

A influência da leitura é não raro tão poderosa que se refelete nas ações, nas atitudes, nas opiniões do leitor. Ninguém ^{há} que possa fugir à fascinação de um grande espírito. Nem se julgue que isso só aconteça às pessoas menos experimentadas. Todos somos o produto de nossas leituras. Os próprios escritores não escapam à regra. Não será difícil a um crítico atilado rastrear neles o que devem aos outros, não obstante o disfarce com que apresentam as idéias alheias, consoante aquilo do moralista romano: "Ocultemos com indústria o que tiramos e mostremos somente o que é nosso."

Nem mesmo os mestres conseguem isentar-se do influxo ou ascendência estranha. Quem quer que leia, por exemplo, Vergílio verá que êle, escrevendo, tinha sempre ao alcance Homero e Teócrito; que Horácio não abandonava Píndaro; que Terêncio não se desgarrava de Menandro; que Camões vivia de copa e mesa com Vergílio; que Racine trazia sempre a cabeceira de leito Sófocles e Eurípides; que Montaigne não descurava o trato dos autores latinos; que Corneille prezava em muito o seu convívio com Tito Lívio, Plutarco, Lucano, e Sêneca; que Bossuet não abria de Sto Agostinho e

Tertuliano; que Chateaubriand não se saciava de Bernardin de Saint Pierre; que Rousseau não se desligava de Montaigne e Plutarco; que Lamennais era companheiro assíduo de Rousseau; que Chenier não cultivava a sua camaradagem com Vergílio, Anacreonte e Tibulo; que La Fontaine andava abraçado com Esopo e Fedro; que Boileau não se corava de confessar ser "um mendigo coberto com os andrajos de Horácio; que Musset não escondia as suas preferências por Byron; que Molière não se sentia diminuído com a pilhagem das obras de Plauto e Terêncio. Nem mesmo aquêlê espírito sarcástico, que timbrava de original, no século conhecido por Voltaire, ficou alheio ao contágio. Com efeito, referindo-se a Homero, disse êle: "Se êste pai da poesia quisesse retomar de seus descendentes tudo quanto lhes emprestou, que nos restaria da Ilíada, da Jerusalém, do Orlando, dos Lusíadas, da Henriqueida, e de tudo o que se não cusa nomear neste gênero?"

Deixando de parte os escritores alienígenas, para falar nos nossos, não encontramos influências bem acentuadas de Hugo em Castro Alves, de Byron em Álvares de Azevedo, de Lamartine em Casemiro de Abreu, de Musset em Varela? Tudo isto é tão verdade, que se poderia dizer que não há escritor inteiramente original. Dos franceses aparecidos depois de Chateaubriand, chegou a afirmar Sainte Beuve: "Não se encontra uma só página, em todos os escritores, que não tenha o seu germe em Chateaubriand."

Há pessoas, cuja preocupação exclusiva na vida se resume em amedrontar riquezas, para se prevenir e à sua prole contra as eventualidades futuras, descuidando-se, todavia, do que é essencial - a instrução. Não mereceria comentários tal maneira de proceder, se não fôsse ela fato comum em nosso meio. É certo que temos obrigação de ser prósperos, em face do dia de amanhã. De outro modo, não agiríamos como criaturas racionais. Isso, contudo, não justifica que, para a aquisição de alguns bens materiais, sacrifiquemos o patrimônio cultural nosso e de nossos filhos. A riqueza é um bem perecedouro, só o saber é indestrutível. "O fogo gasta o ferro, escreveu João de Barros, o mar alaga cidades, terremotos as derrubam, raios espantam o mundo, armas o senhoreiam ... só o saber do homem é livre desses perigos, porque nem o tempo, que o nosso Séneca chama sepultura de todas as coisas, o gasta, ou a morte o senhoreia, e com êle, mediante a graça

divina, fazemos o caminho para a glória que esperamos."

As obras gigantescas, maravilhas do esforço de gerações passadas e justificado orgulho de antigos povos, que pareciam desafiar a fúria dos elementos e a cólera dos séculos, onde estão hoje? Que é do túmulo de Mausolo? Que resta do colosso de Rodas? Que remanesce dos jardins suspensos da Babilônia? Que ficou do farol de Alexandria? Apenas escombros, e nada mais. Entretanto, Homero não envelheceu; Vergílio é de nossos dias; Horácio vive entre nós cheio de espiritualidade, como outrora, realizando o milagre de sua profecia: Non omnis moriar. Não morrerei inteiramente.

Acostumado ao progresso, afeito à civilização, o homem moderno subestima os enormes benefícios que ela lhe trouxe. Para que se possa ter uma idéia desses benefícios, é mister relancear os olhos para o panorama do passado, onde a cultura era privilégio apenas das classes abastadas. O preço do livro atingia a cifras tão elevadas, que esse veículo da cultura, tão familiar a nós, se tornava inacessível ao comum da gente.

Aulo Gêlio conta-nos que Platão, querendo adquirir três obras de Filolau, discípulo do grande Pitágoras, teve de despendar a enorme soma de dez mil dinheiros, ou seja, em moeda corrente, 2.000.000,00 de cruzeiros; e que Aristóteles deu em talentos gregos a elevada importância de 5.000.000,00 de cruzeiros por algumas obras do filósofo Espeusipo.

Parecerão, talvez, exageradas essas quantias ao leitor de hoje, mas se atentarmos para o processo dispendiosa da composição do livro naquela época - cada escriba consumia às vezes meses na transcrição de um só exemplar - e na preparação difícil do papiro ou do pergaminho, logo se dissipará qualquer dúvida de nossos cérebros.

Só os homens ricos podiam dispor do suficiente numerário para a aquisição de algumas obras. Uma pequena livraria custava somas fabulosas. Foi, para obviar a isso, que se criaram as bibliotecas públicas. A primeira que se fundou, em Atenas, foi por iniciativa de Platão. Outras surgiram logo depois por inspiração de seu discípulo Aristóteles. Em Roma, foi Asínio Polião quem teve a lembrança de criar a primeira biblioteca pública. Secundo-o Augusto, que manda instalar outra no templo de Apolo, no Palatino. Os seus sucessores seguiram-lhe o exemplo. Muitas bibliotecas, em Roma, go-

(10)
nos ela intacta, para vos recordar, pela vida adiante, a extraordinária importância do livro na difusão cultural.

Ei-la:

"A povoação onde se sabe ler, e se lê, floresce mais, é mais pacífica e merigerada, mais unida e rica, mais poderosa, mais contente, mais amável e mais amada. Porque, haveis de saber, meus amigos, que tudo quanto os homens têm descoberto e inventado, para aumentar as suas forças, os seus cabedais, a sua saúde, as suas virtudes, as suas relações de amor, e o número das horas suaves e alegres, tudo, de muitos séculos para cá, se tem ido guardando nos livros. É um patrimônio de ciência e bondade, que vai sempre a crescer de pais a filhos, onde cada um pode tomar às mãos cheias o que lhe convém, e para onde a cada um é lícito, e até mesmo é dever agradável, levar o pouco ou muito, que o seu juízo lhe subministra; é um comércio mútuo de todos os tempos, e de tôdas as almas, do qual ninguém sai lesado, e no qual mesmo dando se recebe."

Assim é o livro, meus senhores.